

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

Ata da 40ª Sessão Especial, requerida pelo Sr. vereador Tarcísio Jardim, para debater acerca da população em situação de rua. Sessão realizada no Plenário Senador Humberto Lucena, da Câmara Municipal de João Pessoa, aos 08 dias do mês de outubro de 2025.

Composição da Mesa

Presidente

Vereador Paulo Tarcísio Pessoa Jardim (PP)

Primeiro-Secretário

Vereador Raoni Barreto Mendes (DC)

Demais componentes

Vitor Hugo – secretário municipal de Turismo;

Nivaldo Vilar – presidente da CDL João Pessoa;

Tenente Coronel Alisson Simões – comandante do Batalhão de Turismo;

Edilene Brandão – representando o secretário municipal Diego Tavares, da Assistência Social.

Às 14h29, o Sr. Presidente, vereador Tarcísio Jardim, disse: “Sob a proteção de Deus, em nome do povo pessoense, declaro abertos os trabalhos desta sessão e convido o Sr. Roberto Cavalcante para ler o texto bíblico”. Em ato contínuo, realizou a composição da Mesa e, em seguida, convidou todos a, em posição de respeito, ouvirem a execução do Hino Nacional Brasileiro. Após isso, passou a palavra ao Sr. Primeiro Secretário, que registrou o seguinte documento de expediente em mesa: **REQ nº 115/2025**, que solicita esta sessão. Bem como registrou o nome de diversas pessoas presentes na sessão. Logo após, o Sr. Presidente foi à tribuna proferir seu discurso de justificativa da propositura. **O Sr. Presidente, vereador Tarcísio Jardim**, disse: “Primeiramente, queria agradecer a presença de todos vocês: secretário Victor Hugo, comandante Simões, meu comandante, presidente da CDL, todos vocês que estão aqui representando alguma seara. Robertão, representando o pessoal do Padre Pio, as casas de acolhimento, pessoal da Secretaria de Desenvolvimento Social. Eu realmente fico, às vezes, um pouco, eu diria, triste. Não vou dizer que o plenário está vazio, mas ele poderia estar muito mais cheio, principalmente de parlamentares, quando a gente vai debater essa pauta. Porque o que eu vejo corriqueiramente aqui nessa Casa é sempre se tocarem nesses assuntos de humanidade, de dignidade da pessoa humana, de medidas públicas, de ações sociais, mas muitas vezes é só o discurso. A preocupação real com as pessoas não passa de capital político. É para conversar com seu público, é para conversar com seu eleitorado,

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

mas querendo resolver mesmo o problema, colocar a mão na massa e resolver o problema, é difícil. Porque para você resolver um problema, você tem que ter início, meio e fim, e muitas vezes eu vejo no poder público as coisas tendo só início. Só começam, só começam, nunca se desenvolvem e nunca se finalizam. E muitas pessoas ficaram surpresas quando eu abracei essa pauta, uma pauta social, de pessoas em situação de rua. Mas não é somente uma pauta social, é uma pauta de segurança pública, é uma pauta de saúde. O problema é que essas pessoas são invisíveis, desde que elas não causem problemas. A sociedade como um todo, a sociedade civil organizada, só começa a prestar atenção nas pessoas em situação de rua quando elas começam a causar transtornos, quando fazem um acampamento na frente da sua casa, quando montam uma barraca na frente do seu comércio, quando começam a tomar conta das ruas, quando começam a ter pequenos furtos e delitos, aí começa a incomodar, aí a sociedade começa a lembrar que elas existem. Mas para a gente chegar num patamar grande, só basta ter um início. A gente tem um exemplo aqui no Brasil, daquela Cracolândia. Foram quantos anos para conseguir dissolver aquilo ali? E a Cracolândia chegou naquela proporção graças a quê? Negligência. Problemas têm que ser encarados de frente. Homens e mulheres que se colocam em cargo de gestão, em cargo público, têm que resolver problema. Isso é outro defeito muito grande. Eu faço parte hoje do poder público, mas quando eu preciso do poder público, eu sou um grande crítico, porque as coisas não funcionam. O poder público joga a responsabilidade que é do setor tal, mas que é do setor tal, não é eu quem faço, eu só faço até o preto, mas o vermelho quem faz é fulano. Aí tu volta a fulano, mas ele diz: 'Eu só faço até aqui, quem faz aqui é outro'. E aí fica você sendo jogado. Eu sofro com isso, acho que todo mundo aqui sofre com isso. E essa questão da Cracolândia foi crescendo, o crime organizado foi tomando conta, usando os prédios abandonados do centro, ali daquela área da Cracolândia em São Paulo, para transformar em laboratórios de drogas, em locais de prostituição, aliciamento de menores e tráfico de drogas, produção e tráfico de drogas. E foram tomando conta daquilo. Se não tivesse tido uma ação enérgica, aquilo ali tava do jeito que tava, inclusive piorando. Então, por que eu levantei essa pauta? Porque eu comecei a ver João Pessoa proliferando, coronel, essa questão das pessoas em situação de rua e, simplesmente, a sociedade civil organizada e o poder público fazendo vista grossa. E qual foi a maneira que eu trouxe esse tema à tona para gerar uma certa repercussão, para não só a sociedade, mas o poder público abrir os olhos para isso? Foi quando eu protocolei um projeto de indicação, e eu sou consciente que não tem como fazer projeto de lei para tratar de internação compulsória, que é ilegal. Eu não faço politicagem, não faço esse tipo de política, eu sei que ninguém pode internar ninguém, exceto por decisão judicial e com laudo médico. Então, vou protocolar um indicativo que a mídia vai jogar como se eu tivesse querendo internar compulsoriamente e o tema vai vir à tona. Deu certo. Esse tema começou a ser falado depois que eu protocolei esse indicativo, mesmo sabendo que ele não vai ter sucesso, porque a Prefeitura não vai ter como fazer isso, por mais que concorde. Mas como a gente vai internar alguém compulsoriamente se a gente não dá as mínimas condições para os voluntários? Pronto, hoje, se você pegar uma pessoa em situação de rua não dependente química, que tem várias pessoas que não são dependentes químicos,

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

simplesmente perderam tudo, eu conversei, eu andei a cidade inteira, do Centro, do ponto de Cem Réis a Manaíra, a Cabo Branco. Eu encontrei com essas pessoas, sentava e conversava mesmo, na moral, aquela conversa de polícia com o cliente, né? Bem de boa, na moral: ‘Fala aí comigo, como é que tu chegou até aqui?’, sem palavras bonitas e discurso rebuscado. E alguns perderam tudo na pandemia, outros entraram em depressão profunda e, a partir da depressão, fizeram uso de remédios controlados, daí partiram para droga, e outros simplesmente estão lá porque não têm condições de sair, não saem. Então, hoje, se você for morador de rua, pessoa em situação de rua, e disser: ‘Quero sair da rua, quero largar o vício’, você não tem como, não tem como, porque o poder público não disponibiliza de albergues, de dormitórios para essas pessoas dormirem sem ser na rua. Como é que eu vou internar compulsoriamente alguém, se eu não estou conseguindo cuidar dos voluntários? E a gente vê exemplos de várias cidades ao redor do Brasil: Balneário Camboriú, Florianópolis, Blumenau, Bento Gonçalves, são cidades que são exemplo no tratamento dessa pauta, tirando as pessoas do Bolsa Família, implementando no mercado de trabalho e dando assistência devida desde o seu primeiro dia de trabalho até que você ganhe a efetividade, inclusive com transportes: vão deixar no trabalho, vão buscar no trabalho. As pessoas são realmente fiscalizadas, se estão limpas, se estão fazendo o tratamento correto. Mas por que Bento Gonçalves faz e João Pessoa não faz? Mas por que Bento Gonçalves faz e Recife não faz? Por que é tão piorada essa pauta no Nordeste? A quem beneficia essas pessoas continuarem na rua? Se não beneficia, por que ninguém faz nada? Os invisíveis são literalmente invisíveis. E o que mais me indigna é ver as pessoas, as mesmas pessoas que são contra uma internação compulsória nas redes sociais, são as mesmas pessoas que quando um cidadão ou uma cidadã dessas chega na sua janela do carro não têm coragem de baixar o vidro. Será que não é um pouco antagonista não? Você não quer que a pessoa seja tratada, mas você não dar o mínimo de atenção, você não baixar o vidro, você quer que ela permaneça ali? ‘Não, tem que deixar na rua mesmo, sendo vítima do vício, sendo vítima da prostituição, de violência, se transformando em delinquente’, mas não, na internet isso não pode, não. Tem que tratar a dignidade da pessoa humana. Dignidade da pessoa humana é morar na rua? Quantas vezes vocês já viram crianças onde o pai e a mãe estão fazendo uso de drogas na frente da criança? Vai ser o quê? Eu escutei deles, da própria boca deles, de que existe alguns que pegam o macarrão do outro, outros pegam só a salada do outro, o arroz com feijão. Eles pegam três alimentações para transformar em uma e jogam o resto fora. Eu estou mentindo? Quem trabalha nesse ramo sabe que isso acontece. Então, tratar com políticas públicas, primeiro: salvar vidas que podem ser salvas. Isso é um dos mandamentos do que eu fiz na Pós-Graduação: você salva vidas que podem ser salvas. Não adianta sacrificar sua vida, morrer tentando salvar um ferido que não poderia ser salvo. Então, os que são voluntários e querem se tratar, a gente tem que dar as condições, a gente tem que dar um lugar para essa pessoa dormir, a gente tem que oferecer um tratamento se ela for dependente química e a gente tem que inserir essa pessoa numa distração, num curso profissionalizante, e, se ela estiver em capacidade, no mercado de trabalho. Porque eu me deparei com pessoas em situação de rua

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

com carteira de motorista D, com curso universitário, mas que não conseguem sair da droga. Choravam, olhavam para mim: ‘Me ajude, por favor, eu quero sair dessa vida’, mas não conseguem sozinhos. Quantas vezes alguém aqui começou a fazer uma dieta e não conseguiu fazer uma dieta? Você já deve saber o que é sair de um vício. Graças a Deus, eu sou viciado só na academia, não consigo deixar de ir para academia, não. Mas você já imagina a dificuldade de fazer uma dieta comparada à dificuldade de deixar um vício, um vício químico. Quem já teve vício aqui sabe como é difícil. Às vezes, você não consegue deixar um vício num cigarro, imagina no crack, imagina em entorpecentes pesados. Então, é complicado. Isso aqui não é só você querer fazer social, é você tratar um problema que vai atingir minha filha, vai atingir seus filhos, vai atingir suas famílias, seus netos. Se a gente não tratar, isso aqui se prolifera de uma maneira que a gente não consegue combater. Então, primeiro, a gente salva as vidas que podem ser salvas. Daí o motivo dessa sessão especial, para que a gente pegue secretário de Turismo, secretário Social, as entidades de acolhimento, Prefeitura Municipal de João Pessoa, Polícia Militar, que é a nossa primeira força, nossa tropa extensiva que está na linha de frente da segurança pública todos os dias e se depara com várias e várias ocorrências provenientes das pessoas em situação de rua. A gente pega todo mundo, a sociedade civil organizada, e quando eu trato sociedade civil organizada, é a Fecomércio, são todas as pessoas que precisam de um ambiente harmônico para fazer com que seus negócios fluam, porque morador de rua na frente do comércio espanta cliente, morador de rua na frente de uma residência causa transtorno ao morador, suprime o fluxo de mercadorias de determinada região. Então, o que eu raciocino: eu sou policial civil. Quem não sabe, eu estou como vereador, mas minha profissão é policial civil, porque política não é profissão de ninguém. ‘Qual é a tua profissão?. Vereador?’, não. É quatro anos só, não é profissão. É policial civil. Eu já me deparei com muitas situações dessas na rua. Então, você hoje está na rua, quando você tem acesso a alimento e a droga e não há perturbação. Estou errado, comandante? Se tem alimento, quando eu estou na baixa, deu a lombra, deu a baixa, tenho alimento. Ninguém me perturba, tenho acesso fácil à droga e ninguém me perturba, por que eu vou sair da rua se eu tenho tudo? E quando eu estendo a mão a sociedade me dá dinheiro, dá cinco reais, me dá R\$10 (dez reais), vou comprar duas pedras, é a noite todinha de fricção. E aí? Como é que a gente ajuda essas pessoas realmente? Dando alimento, dando dinheiro a elas, ou a gente ajuda coordenando e regulando o fornecimento de alimentos para locais públicos, em que eles recebam o fornecimento de alimentos desde que preencham alguns requisitos, desde que estejam dormindo no alojamento, participando de alguma oficina, de algum curso, como é feito nessas cidades que eu citei? Porque, se você dá os meios para ela na rua, eles não vão sair. Políticas mais efetivas de segurança pública, dando liberdade para polícia trabalhar e sufocar o tráfico nas localidades de maior aglomeração dessas pessoas, porque o cara não sai do Centro para comprar droga na praia e volta para o Centro para ser morador de rua. Ele já fica ali porque já tem um determinado fornecedor, um aviãozinho, que entrega a droga na porta, e aí ele lava um carro, pede uma esmola e vai mantendo esse ciclo vicioso que nunca acaba. Então, a gente tem que se unir. Eu estou fazendo minha parte. Até falei com o

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

Robertão quando visitei lá a Fundação Padre Pio, que eu sei que é um trabalho difícil, eu sei que é complicado, e muitos disseram: não vão ter sucesso, não. O sucesso é uma questão pessoal para mim. O sucesso é fazer com que essa pauta seja falada, seja discutida e a gente transforme em ação, seja através de mim ou de outras pessoas. O fracasso é você nem tentar. Então, para mim, o desistente não é aquele que para de lutar, é aquele que desiste de vencer. Esse aí é um desistente. Então, eu estou fazendo meu papel como vereador. Ninguém fala dessa pauta aqui na cidade. Não vejo nenhum parlamentar debater sobre isso. O vereador Raoni foi um dos pouquíssimos que se solidarizou comigo quando eu levantei essa pauta aqui na cidade. Parabenizo, ele se colocou à disposição, e hoje está aqui. De 29 vereadores, dois estão aqui para debater esse tema, para vocês verem ainda mais, não só o respaldo social, que você vê pouquíssimas pessoas da sociedade, e foi amplamente divulgado, como também o respaldo político. Mas, se hoje a gente sair daqui e for pegar essas pessoas e internar compulsoriamente, a cidade vira. Vai aparecer os outros 27 vereadores dizendo que não pode, e vai aparecer todo mundo em todos os bairros dizendo que isso aí é uma violação a direitos fundamentais, direito de liberdade e o direito do cidadão de ir e vir. E o direito daquelas crianças de não crescerem num mundo daquele, numa situação daquela? Ninguém pensa naquelas crianças. Eu me preocupo mais com as crianças, porque às vezes os adultos não têm conserto, mas as crianças têm. A gente pode evitar que essa criança siga nesse caminho. Essa era a pauta que eu queria trazer para vocês, está tudo aqui. Outras pessoas querem discursar e vão trazer pontos dos mais diferentes possíveis, desde Roberto, que vive aí na entrega todos os dias, lá no Padre Pio, recebendo essas pessoas. Não consegue acolher mais pessoas porque foi problemático, que ele me falou: ‘A gente recebe, cuida, limpa, trata, insere no mercado de trabalho. E aí, essa pessoa, a gente vai fazer o quê? Vai jogar na rua de novo, porque não tem para onde mandar’. Então, tem lá, vou chamar assim, acolhidos, que estão lá praticamente há dois anos, que era para passar meses. Mas eles vão fazer o quê? Vou jogar na rua a pessoa que já está socializada? Não tem como. O cara trabalha, passa o dia trabalhando, volta para dormir lá, e era um local que poderia estar contemplando mais um para sair disso. Falta estrutura. A Prefeitura mesmo, que eu conheça, tem algumas casas de acolhimento, que é vínculo, até falei com o secretário Diego Tavares, mas é muito pouco para a população de quase 900 mil habitantes. Hoje a população de rua em João Pessoa gira em torno de 600 a 700 pessoas. De João Pessoa, porque de cada dez que eu perguntei na rua, seis eram de outro estado. E eu perguntava: ‘Mas por que tu veio para João Pessoa? Tu é de onde?’. Ah, era de Fortaleza, outro da Bahia, outro de Belém, gente de Minas Gerais, Rio de Janeiro. Aí teve um que disse: ‘Do Ceará’. Eu, inclusive, comprei um artesanato dele, que eu sei que ele usou para o que não devia, mas eu fiz a minha parte. Ele disse: ‘Aqui é bom demais, vereador. Aqui é o paraíso das pessoas em situação de rua’. Eu disse: ‘Mas por quê?’ A mesma coisa que eu falei: ‘A gente tem rango, a gente tem a lombra, e ninguém perturba’. O Rodrigo tava comigo, meu assessor, e disse: ‘Ninguém perturba’. A frase que mais marcou foi: ‘Ninguém perturba’. Aí eu: ‘Como assim, ninguém perturba?’. Ou seja, não existem políticas públicas para coagir, desconfortar essas pessoas que já estão na rua, e ali eles vão ficar eternamente, e estão de boa.

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

Mas de boa como? Boa para quem? Para eles não é. Para nós, sociedade e poder público, também não é. Então, é esse o clamor que eu faço: se alguém do poder público municipal ou estadual pode ajudar nessa pauta, que trabalhe para que a gente transforme, crie algum prédio desse aqui do Centro em um acolhimento, em um albergue, em um alojamento para essas pessoas terem onde dormir e sair da rua. Que faça convênios, que crie clínicas para tratamento dessas pessoas. E não é só tratar, porque você trata o vício ali, é muito fácil. É toda uma equipe multidisciplinar, é um acompanhamento psicológico durante o tratamento e no pós-tratamento, a manutenção e a vigilância para essa pessoa não cair no vício de novo, inseri-la no mercado de trabalho para se sentir útil e poder estar sendo recolocada na sociedade. E, lá na frente, fornecer, dentro de um programa de unidade habitacional, um local para essa pessoa viver. A gente não pode dar uma unidade habitacional para um dependente químico, que ele vai vender e trocar por droga. Mas aqueles que preencherem todos os requisitos, após, vamos supor, um ano, dois anos, firme, limpo e trabalhando, por que não? Se a gente fornece uma unidade para várias pessoas, por que não fornecer para um cidadão, uma cidadã dessa que mostrou realmente que tem amor pela vida? Então, são ciclos que eu, como vereador, Raoni, como vereador, e acho que cem por cento aqui de vocês não podem criar, mas a gente pode dar as ideias, trabalhar dentro do poder público para a Prefeitura um dia ter essa iniciativa: local para essas pessoas dormirem, tratamento de desintoxicação, acompanhamento psicológico, disciplinar, inserção no mercado de trabalho, monitoramento de não reincidência e contemplação com a unidade para morar. Será que isso é difícil numa cidade como João Pessoa, que é uma cidade rica e evoluída? Eu acho que não é difícil. A gente tem que unir forças, e eu me coloco à disposição para quem quiser tratar dessa pauta, pode contar com o meu gabinete, com o meu trabalho, que a gente vai fazer evoluir. Então, eu não vou me estender para vocês também poderem contribuir. Agradeço, mais uma vez, a presença de todos e de todas, obrigado por fazer parte desse momento aqui, e que a próxima, os outros e outras parlamentares que fizerem sessão com esse tema, a gente possa deixar isso aqui cada vez mais cheio e trazer cada vez mais adeptos. Porque se a sociedade civil também não se unir e a gente ficar só esperando do poder público, a gente sabe que as coisas não andam. Não só nessa pauta, mas na pauta esportiva, por exemplo, que eu fui atleta. Se cada empresa que a gente tem de médio e grande porte, em João Pessoa, adotasse um atleta, a gente teria uma realidade esportiva diferente na cidade e no estado. O que é um atleta para uma empresa grande? O que é uma pauta para um bairro de pessoas, para uma sociedade, um grupo de moradores? Então, se a gente não souber o nosso lugar na sociedade, que nós devemos ter ações, e só esperar do poder público, as coisas não vão evoluir. Muito obrigado, espero ter contribuído e agora vou também escutar e aprender com vocês. Boa tarde”. Dando sequência, o Sr. Presidente facultou a palavra aos convidados. Discursaram: **O Sr. Vitor Hugo** disse: “Dizer a vocês, enquanto fui prefeito de Cabedelo, e aí eu vou me acostar ao discurso do nobre vereador, que é uma pauta que devia ser uma das prioridades de qualquer governo. Mas, como Vossa Excelência disse, são poucos que têm coragem de abraçar essa causa, enfrentar o problema, porque é muito mais cômodo para a maioria dos políticos não entrar de

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

frente em causas sociais, para que não venham a cometer nenhum equívoco e não venham a sofrer nenhuma postura de retaliação política. Eu vou contar rapidamente um pequeno fato que ocorreu em Cabedelo. Enquanto fui prefeito, nós tínhamos um casal do Rio Grande do Norte que dormia todos os dias ou na praia ou na frente de um depósito de construção, e nós, de imediato, solicitamos a esse casal, nos colocamos à disposição de levá-los novamente ao seu estado de origem. E assim foi feito. Colocamos em um carro da Prefeitura, uma van com acompanhamento médico, um psicólogo foi acompanhando, uma enfermeira foi ao lado, e levamos ele até uma residência que disse que morava. Pedimos a eles que não voltassem para a nossa cidade porque ali não era um local de moradia. Só durou 15 dias e eles já estavam de volta. E o que me preocupa bastante, nobre vereador, é a falta de conhecimento da sociedade em si quando você tem o coração, que nós temos, de pena dessas pessoas, porque essas pessoas estão ali porque recebem, todos os dias, café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar. Todos os dias. Fora isso, ainda chega para eles roupa, agasalhos, colchão, travesseiro e material de higiene para tomar banho em qualquer lugar que ofereça um banheiro. Enfim, direitos humanos, eu entendo que, nesse debate aqui, a participação importante que deveria estar nesse momento é também a do Ministério Público, porque nós, gestores, como vamos atuar com o rigor da lei, da força, lá vem o Ministério Público em cima da gente. ‘Chama os direitos humanos’. ‘Você não pode fazer isso’. ‘Não é assim que se trata’. Aí vêm as entidades, as entidades religiosas, e fica todo mundo contra o político, e acaba a gente sofrendo justamente esse impacto de não poder agir com a vontade que nós temos, porque estamos, do outro lado, sendo apedrejados pela própria sociedade. Porque são poucos os moradores que moram ali na praia que estão incomodados com aqueles moradores que ali estão, de rua. Porque quem mora no quarteirão de trás da praia não vê aquilo todo dia, então não incomoda ele. Mas agrada a ele ir lá entregar o almoço, o jantar todos os dias. ‘Estou fazendo minha parte como cidadão’. E isso não é correto. Nós temos que ter esse olhar de entender que você alimentar essas pessoas diariamente não é correto. Mas quem tem coragem para dizer isso perante a sociedade? ‘Vitor, são seres humanos’. Sim, gente, são seres humanos, mas quantas e quantas oportunidades nós, gestores, damos a essas pessoas e elas não querem a oportunidade? Porque eu entreguei, lá em Cabedelo, nós conseguimos resolver esse casal do Rio Grande do Norte depois que colocamos o Ministério Público, porque, se ele voltasse para lá, iria para a delegacia, ficar dormindo na cadeia. Eles não voltaram. Mais uns seis a sete moradores da praça nossa do centro da cidade foi mais difícil. Aí você tem que ir atrás dessas pessoas com um olhar humanizado, principalmente com um olhar humanizado. Então, nós levamos, nós montamos uma equipe de saúde, com médico, psicólogo, assistente social, enfermeiro, uma multi equipe de saúde para trabalhar como nós iríamos fazer um planejamento para tirar aquelas pessoas dali e não deixá-las voltar. Chamamos a Guarda Municipal Metropolitana de Cabedelo, chamamos a Secretaria de Ação Social, e todos envolvidos num só objetivo: como fazer da forma correta. Vamos atuar? Vamos. Ah, mas esquecemos de uma pessoa importante: o Ministério Público. Então, vamos ao Ministério Público, primeiro, fazer um TAC, um Termo de Ajustamento de Conduta, para

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

que a gente não cometa crime social e venhamos a pagar um preço muito alto por nossas ações. Nesse TAC que nós fizemos, nós conseguimos fazer esse trabalho humanizado, com o Ministério Público acompanhando. Levamos essas pessoas para um local de acolhimento, demos toda a assistência a essas pessoas, mas eram poucas, eram só sete. Nós ressocializamos essas pessoas para que pudéssemos levá-las ao convívio social novamente. Resolvemos. Em João Pessoa, o prefeito Cícero Lucena está com esse olhar humano e social, para que a gente possa resolver juntos esse problema em definitivo. Obrigado”. **O Sr. Nivaldo Vilar** disse: “Minhas senhoras e meus senhores, como representante do setor lojista da cidade de João Pessoa, a CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas, e me referindo ao principal local onde nós encontramos muitas pessoas em situação de rua, a gente tem sofrido muito, muito mesmo, as consequências aqui, principalmente no Centro de João Pessoa, o comércio. No primeiro governo do governador atual do estado da Paraíba, nós estivemos na Secretaria de Ação Social, se eu não me engano, e uma demanda muito grande, lá, antes da pandemia, de muitos arrombamentos. Era todo dia arrombamento no Centro de João Pessoa. A gente sabe que, esse pessoal, é uma situação muito melindrosa mexer com esse pessoal. E a gente, como lojista, a única coisa que a gente tinha que ir buscar era os poderes públicos para nos ajudar, como a Polícia Militar, a Secretaria de Segurança Pública. E a Secretaria de Ação Social, nós estivemos lá também com a secretária da época, não sei se ela ainda continua, e ela falou para a gente que estava verificando um local, um galpão aqui próximo do Centro, Jaguaribe, se eu não me engano, para colocar essas pessoas em condições adequadas, para recolher essas pessoas, principalmente à noite, porque o pior de tudo é que eles têm tudo isso que vocês falaram aqui já, de alimento, de roupa, de calçado, de tudo, mas à noite eles ficam dormindo debaixo das marquises e, muitas vezes, nas portas de nossas lojas, e ali eles começam a tramar e fazem realmente os arrombamentos. Para vocês terem uma ideia, a nossa CDL, que é aqui na Treze de Maio, três vezes foram lá. No primeiro mês da pandemia, arrombaram a porta da CDL, entraram e roubaram alguns equipamentos. Depois, tivemos mais três roubos de cobre. Nossos [aparelhos de] ar-condicionado foram todos roubados, três vezes seguidas. Fizemos boletins de ocorrência, tudo, mas a gente sabe que a Polícia hoje faz, como se diz, é enxugar gelo, infelizmente. A gente tem conversado com a Polícia Militar, temos um pessoal aqui do Centro que sempre está fazendo reunião com a gente, com o pessoal do comércio, para tentar ajudar nesse sentido, mas prende, vai para uma audiência de custódia e estão soltos. Estão falando aqui que o Ministério Público devia estar aqui. Eu já digo outra coisa: acho que quem deveria estar aqui era alguma dessas pessoas, moradoras de rua, para a gente perguntar a eles se querem sair da rua, porque a gente sabe que é muito difícil, como foi relatado aqui pelo vereador Tarcísio Jardim e pelo nosso secretário da Prefeitura. Então, é uma situação difícil. A gente tem as normas, como vocês falaram, que não pode mexer com eles. Se eles não quiserem sair, você não pode tirar. Infelizmente, acontece tudo isso. A gente fica olhando também a questão dos imigrantes. Nós temos aqui em João Pessoa vários imigrantes venezuelanos. Eu tenho uma filha que faz parte de uma comunidade evangélica e ela faz visitas. Ela fez uma visita a um local onde estão os venezuelanos. Disse: ‘Painho, é

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

deprimente você ver a situação dos venezuelanos. É de cortar o coração’. Então, a gente fica olhando, o governo se vangloria de receber imigrantes, de receber isso e aquilo, mas o próprio governo não dá condições nem para nós, brasileiros, imagine para o venezuelano, que a gente vê todo dia pedindo esmola com os meninos. Graças a Deus que a maioria deles não é viciada, só pedem ali, mas a situação deles é deprimente, isso é testemunho da minha filha. Então, vocês veem hoje o centro de João Pessoa como está. Estamos fazendo um levantamento, uma pesquisa de quantas lojas nós temos fechadas, mas eu tenho certeza de que mais de 200 lojas fechadas nós temos no Centro de João Pessoa. Temos buscado constantemente, junto aos poderes públicos, à Prefeitura, ao Governo do Estado. Vocês têm visto várias ações do Governo do Estado para melhorar a frequência no Centro de João Pessoa: ICMS Cultural; a Prefeitura, através desta Câmara, fizemos várias audiências públicas como esta, para resolver o problema do Centro Histórico de João Pessoa, e foi através do nosso presidente desta Câmara que hoje está acontecendo o que está acontecendo no Centro, em termos de incentivo. Dinho foi o primeiro que levantou essa bandeira junto conosco, com a Fecomércio, com a CDL, com outras entidades aqui do Centro, para tentar melhorar o Centro de João Pessoa. Estamos com uma polêmica muito grande da Zona Azul, mas a Zona Azul é necessária no Centro de João Pessoa, porque nós não tínhamos onde estacionar carros. O consumidor, quando vinha ao Centro de João Pessoa, não tinha onde estacionar carro. Hoje, quem colocava os carros está reclamando da Zona Azul, mas o consumidor, que é o necessário para nós nos mantermos com nossas empresas abertas no Centro de João Pessoa, é quem precisa ter o lugar de chegar e estacionar o seu carro. Mas eu tenho certeza que, se Deus quiser, toda essa polêmica da Zona Azul vai ser resolvida aqui nesta Casa, porque tem uma Medida Provisória que está em andamento e que precisa ser votada, e a gente tem que discutir detalhadamente a questão para que a gente possa ajudar. E os moradores em situação de rua, eu repito, têm que ter os poderes públicos ajudando nesse sentido, para que a gente possa pegar essas pessoas e copiar o que esses outros lugares... a Cracolândia foi citada aqui pelo vereador, lá de São Paulo, que acabou, mas a Cracolândia fazia medo. Faz 50 anos que frequento o Centro de São Paulo, indo fazer compras ali na região da Vinte e Cinco, e fazia medo passar ali por perto, porque era um negócio absurdo. E foi resolvido. Então, acho que a gente tem que copiar essas coisas boas que foram feitas e trazer para implantarmos aqui na nossa cidade. Agradeço pelo convite e estamos sempre à disposição desta Casa para debatermos qualquer assunto que for necessário e que envolva o comércio de João Pessoa. Muito obrigado a todos e boa tarde”. **O Sr. vereador Tarcísio Jardim** disse: “Obrigado pelas palavras, seu Nivaldo. Só pra fazer um adendo, eu sempre costumo falar, inclusive aqui no Plenário, que a impunidade é um incentivo para a reincidência. A gente está na situação que está hoje nesse país porque, infelizmente, as pessoas não são mais punidas. A política do desencarceramento e do coitadismo. Hoje, na audiência de custódia, nosso comandante está aqui e se depara com isso todo dia, eu me deparava com isso todo dia na Polícia Civil. A gente fazia todo um trabalho de investigação, uma operação, prendia, e o preso saía antes da gente. A gente ainda ficava lá tendo que fazer a cautela dos outros presos que iam ser entrevistados e iam passar pela

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

audiência. Infelizmente, aqui, na base da pirâmide de João Pessoa, isso não se resolve. Toda vez que a gente fala disso, se resolve em Brasília. Entra eleição, sai eleição, mudam os deputados e a gente continua do mesmo jeito, porque é uma pauta polêmica e as pessoas não querem enfrentar pautas polêmicas como essa, das pessoas em situação de rua. Como era a Cracolândia? Como é que enfrentaram a Cracolândia? O governador Tarcísio, junto com o secretário Derrite, que é policial militar, secretário de segurança que trabalhou na linha de frente, foi oficial da Rota, porque as Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar enfrentavam literalmente o crime no seu mais perverso personagem, e fez uma ação efetiva, concisa e rápida. Gerou polêmica? Muita. Vocês viram aqui, acho que todo mundo viu, o Brasil inteiro descendo o sarrafo em Tarcísio e Derrite, mas resolveu ou não resolveu? O problema é que as pessoas que criticam são as mesmas que nunca vão resolver. É crítica em cima de crítica, mas elas nunca vão resolver. São os revoltados de rede social. A revolta é direcionada: “eu só me revolto com aquilo ali”. Mas vem ajudar? Não, ‘eu só quero criticar. Meu papel é criticar, eu não quero resolver’. Então, por isso, a gente precisa dessa pauta, escutar todas as pessoas que têm aqui para falar seus testemunhos, e aí a gente dar seguimento. A gente vai unir forças aqui e essa pauta a gente não vai deixar morrer. Como acham que a CPI não vai dar em nada, a mesma coisa será com essa pauta aqui. A gente vai mostrar que o problema existe, até que o poder público tome atitude e a gente consiga trazer alguma solução”. **O Sr. Coronel Alisson Simões** disse: “Gostaria de cumprimentar o nosso nobre vereador Tarcísio Jardim, já o parabenizando por uma pauta tão importante e, ao mesmo tempo, tão delicada de ser tratada. Eu gostaria de tratar a visão no que tange à segurança pública, de maneira geral, na cidade de João Pessoa. Nós somos hoje a última esfera dessa situação dos moradores em situação de rua. Tudo vai culminar na Polícia Militar, na Polícia Civil, no inquérito policial, num termo circunstanciante de ocorrência. Nós somos a ponta. Por que eu inicio assim? Eu vou dar um exemplo bem claro: nós temos um cidadão numa situação de rua que, só este ano, foi preso 4 vezes. E eu tenho muito cuidado ao entrevistar esse tipo de pessoa para saber como esse cidadão foi parar ali porque, por trás de uma pessoa como essa — aliás, por trás de cada um de nós —, nós carregamos uma história. E hoje, a Polícia Militar tem esse cuidado de procurar saber como é que um cidadão veio parar ali, ao ponto de estar respondendo por 4 mandados de prisão. É um dos indivíduos que são mais perigosos para a região do comércio, e hoje a gente conseguiu efetuar a prisão dele, mas, dentro em breve, eu tenho certeza que ele vai estar na rua. Nós somos a ponta desse viés, infelizmente. Eu gostaria, vereador, realmente, que este plenário estivesse lotado. E aí eu me coloco no lugar de todos nós: muitas vezes, nós somos hipócritas, porque vemos a situação e, realmente, consideramos pessoas invisíveis. São invisíveis porque a gente olha, mas a gente esquece. A gente percebe, mas a gente deixa para lá. E isso vai culminar, um dia, com o seu filho assaltado, com a sua mãe assaltada, com o comércio de um amigo seu sendo furtado todas as noites. Essa semana, eu recebi — pasmem — uma denúncia da Ouvidoria, onde duas guarnições nossas abordaram um cidadão em situação de rua. Esse cidadão, de maneira descontrolada, começou a se autoagredir e teve um cidadão que filmou essa situação e disse: ‘o que a Polícia Militar estava fazendo, tirando a

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

pessoa do meio da rua’. Pasmem! Eu recebi essa denúncia lá no quartel. A hipocrisia está dentro do nosso coração. Por quê? Por que deixar tão somente para as forças de segurança esse problema tão grande? Nós somos a última fase, nós somos aqueles que estamos enxugando gelo todos os dias. Chega a ser cansativo, porque a Polícia Militar, hoje, poderia prestar um melhor serviço se não estivesse vivendo esse tipo de situação. Mas, pasmem, eu recebi essa denúncia e eu vou ter que apurar. E eu já adianto: eu não vou punir o policial militar por causa disso, não, porque eu já averigui toda a situação. Eu não tenho condição alguma de punir um policial meu, porque estava fazendo a coisa correta. Mas nós temos que abraçar essa causa de maneira multidisciplinar. Eu queria, realmente, muito, que o Ministério Público estivesse aqui, que a Secretaria de Ação Social estivesse aqui, que o Desenvolvimento Urbano estivesse aqui para juntos, nós trilharmos um caminho para poder resolver isso. Por que em outros locais se resolveu e, aqui, não? Será que nós somos piores do que eles? Eu tenho certeza absoluta que não. Eu admiro demais a situação das igrejas, das ONGs que estão ali todo o tempo, porque, realmente, é de partir o coração, como o nobre presidente da CDL disse. Eu faço parte de uma comunidade evangélica e já fiz esse tipo de ação. Que isso não vai resolver o problema, de uma maneira geral. Infelizmente, nós temos uma política assistencialista, é somente isso. Nós, em vez de darmos a vara de pescar, hoje estamos dando o peixe diretamente. Se o camarada está comendo, se o camarada está bebendo, se o camarada está se vestindo, ele não vai querer sair da rua, não. Realmente, é muito difícil dizer isso, mas é isso que acontece. Então, eu queria colocar, vereador, a Polícia Militar, o nosso batalhão, à disposição dessa causa. Vamos realmente abraçá-la e eu tenho certeza de que, se nós abraçarmos de coração, nós conseguiremos alcançar os nossos objetivos”. **O Sr. vereador Tarcísio Jardim** disse: “Parabéns, comandante. A gente vê o sentimento nas suas palavras, a gente vê a diferença de quem está na rua todo dia enfrentando isso aí. Não é legal, não é gostoso, não é romântico. Porque hoje o povo romantiza tudo, tudo é um romantismo. Mas não é romântico. E aqui eu queria só justificar a ausência da Dr.^a Fabiana Lobo, ela representa o Ministério Público. Ela recebeu o convite, confirmou que viria, mas foi convocada para uma reunião com o governador e ontem mesmo ela justificou: ‘Queria estar amanhã’. Estava confirmadíssimo que viria, nos atendeu lá no MP, foi muito atenciosa, muito profissional e disse que podia contar com ela. Queria saber como foi o apurado da sessão para que repassasse para ela. Eu queria fazer só uma observação, uma diferença do Sul para o Nordeste. Por que essas pautas são tão enfrentadas no Sul do país? E por que essas pautas são tão negligenciadas no Nordeste? Alguém sabe por quê? Qual é a diferença do direcionamento social do Sul, de você produzir, de você trabalhar, você tem que ter seu emprego e no Nordeste, do assistencialismo? Como o coronel falou, aqui a política do assistencialismo reina. Então se você tem uma um salário mensal, se você tem alimentação, se você tem tudo para estar na rua, você não vai sair. Inclusive, já vários vídeos foram divulgados, o cara que recebe auxílio isso, auxilia aquilo. Ele recebe mais dinheiro do que se tivesse trabalhando e recebendo um salário mínimo. Qual vai ser a motivação dele sair da rua? Inclusive, pessoas que estão trabalhando recebem menos do que os que estão recebendo auxílio. Então é um

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

problema grande. O medo que eu tenho, eu não tenho medo da minha carcaça. A carcaça da gente já entregamos, mas eu tenho medo do que a minha filha vai encontrar. Eu tenho uma criança de sete anos e o meu medo é do futuro que ela vai encontrar. Eu não quero que minha filha saia de João Pessoa. Eu não quero que minha filha precise sair do país. Eu tive proposta para morar fora, para dar aula de jiu-jitsu. Eu preferi lutar pelo meu país. Porque é muito fácil criticar o Brasil morando na Europa. É muito fácil criticar o Brasil morando nos Estados Unidos. Quero ver você estar aqui tentando lutar pelo seu país. Uma coisa que eu nunca imaginei era estar na política, mas estou aqui. Em vez de terceirizar a responsabilidade, a gente puxa para nós e executa, faz o que tem que ser feito. Então é bom, às vezes, também, desculpa interromper as falas, mas para a gente trazer esse raciocínio porque muitos aqui são formadores de opinião. Então a gente, às vezes, fala para um filho, fala para um parente, fala para um sócio, fala para um subordinado que essa linguagem vai adiante, quem sabe, lá na frente a gente consegue realmente entregar uma sociedade melhor para os nossos filhos”. **A Sr.^a Edilene Brandão** disse: “Boa tarde a todos e todas, quero agradecer o convite. Eu estou aqui representando o secretário Diego Tavares, enquanto Diretoria de Assistência Social, ele me incumbiu dessa tarefa, nessa tarde, de representá-lo e falar dessa política que a gente já trabalha: a política de atenção, de atendimento à população em situação de rua, que é um problema latente aqui no município, sim. É um problema que a gestão municipal tem enfrentado diariamente. Nunca nos esquivamos do que é a nossa responsabilidade enquanto política de assistência social e temos feito tudo aquilo que está ao nosso alcance. E aí eu queria fazer alguns recortes para a gente pensar mesmo, aqui no município. Em 2023, nós tivemos o censo da população em situação de rua. E aí, por mais que a gente veja muita gente na rua, nem todos estão em situação de rua. Existe uma grande diferença principalmente na área central. Então, em 2023, a gente pôde perceber, contabilizar 283 pessoas em situação de rua, entre Centro e praia e em alguns bairros que a gente mapeou também. Então são dados importantes para a gente pensar. Dessas 283 pessoas, 105 eram de outros estados. Não era só de outros municípios. Eram de outros estados. Então por que eles vêm para João Pessoa? João Pessoa é corredor hoje. Quem tenta sair de Recife vem logo para onde? João Pessoa. Quem tenta sair de Natal, vem logo para João Pessoa. E aqui, em João Pessoa, tem uma característica muito forte, que é justamente o que tem sido debatido, da caridade. A caridade atrapalha as políticas públicas, ao tempo em que ajuda quem está na rua. Ela alimenta, mas atrapalha a execução das políticas públicas, sim. E aí eu digo com propriedade do que a gente trabalha porque a sociedade brasileira é mestra em fazer caridade, mas ela é nota zero na questão de execução de políticas públicas. Quando a gente fala em executar a política pública, se levantam quinhentas mil pessoas para dizer que prefere ajudar. Eu sou Assistente Social de formação e eu não uso a palavra ajudar. Eu não uso essa palavra, não cabe no nosso dicionário de assistência social. A assistência não ajuda, ela leva direitos. Ela está para a gente levar direitos e não ajudar. E aí a gente tem uma sociedade que gosta de ajudar e eu não estou aqui para criticar essa sociedade, que gosta de ajudar. Eu estou aqui para dizer que se a sociedade, que gosta de ajudar, se juntar com a gente, poder público, para normatizar, não normalizar,

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

mas normatizar as ações, a gente vai trabalhar melhor. E o que seria normalizar? Seria justamente criar os fluxos, criar os locais para distribuição dessas quentinhas que não estou dizendo que não é para dar, é para dar, sim. Quer fazer a caridade, pode fazer, mas vamos fazer de uma forma que não vá atrapalhar onde o trabalho deles mesmo fica jogado fora, porque a gente presenciou, no censo de 2023, justamente o que o vereador falou aqui agora há pouco. Pessoas que recebiam três, quatro quentinhas e escolhia uma porção de cada uma delas para comer e o resto ia pro lixo. A gente viu isso acontecer, ninguém disse a gente. Nós vimos isso acontecer. Aqui na praça, para um carro do lado de cá, outro do lado de lá, outro do lado dali e ele sai arrodando para pegar as quentinhas e pega de todos. E aí, o que chama atenção, ali na praça, é que as pessoas que estão ali não moram na rua. Elas sobem lá do Baixo Roger para cá, justamente porque sabem que tem a distribuição de alimentos ali. Acaba que a presença dessas pessoas, é como se tivesse pessoas morando na rua, e não é. Então como é que a gente conseguiu contabilizar isso? Nós usamos as estratégias de diferença de horário. A gente viu que se a gente pegasse para fazer no horário do jantar, o horário da distribuição das quentinhas, a gente ia ver uma multidão. De fato, vimos e aí a gente deixou esse horário passar, quando todos os carros saíram, que as pessoas se alimentaram, quem tinha suas casas foram embora, a gente voltou com nossa equipe para a praça e fizemos novamente o censo e a gente tem, sim, um resultado de lá de 2023. Esse mesmo censo agora, já é proposição nossa, a gente já vai começar a executar agora em outubro, porque nós já estamos planejando as estratégias de enfrentamento dessa problemática para o verão. Então a gente vai novamente refazer esse censo, agora em outubro, para justamente a gente saber a quantidade de pessoas que a gente vai lidar dar nesse ano. A efetivação fica só na mão do poder público e a caridade vem atrapalhar um pouco. A gente tem alguns serviços que são voltados para o atendimento dessa população, não só na assistência social, mas também temos na Saúde, temos a política sendo debatida a nível nacional de Habitação também, então a população em situação de rua não está esquecida. Ela está muito bem lembrada, inclusive, nós estamos diuturnamente discutindo sobre essa população, que é uma questão social que não deve ser enfrentada só pela Secretaria de Assistência, mas também por todo poder público e demais secretarias. E aí, a gente tem o Programa de Abordagem Social no município, que trabalha de dia a noite. Até dez da noite, a gente tem equipe na área de abordagem social. Nós temos o Centro POP, que funciona aqui na Treze de Maio, que funciona o dia todo, de segunda a sexta. E nós temos já um projeto de ampliação desse serviço e lá é oferecida alimentação, o banho e toda a parte de documentação e encaminhamento para eles também. Inclusive, nós montamos lá a sala de EJA, para que a educação chegue a eles e nós temos salas funcionando. Nós temos lá todo tipo de encaminhamento para rede de saúde, de assistência e de mercado de trabalho também, porque a gente tem alguns projetos que ofertam os cursos de capacitação para eles. A gente também trabalha com essa perspectiva, porque não adianta só alimentar, a gente também precisa preparar para o mercado de trabalho. Mas a gente também discute tanto e enfrenta uma grande problemática por parte de quem emprega. Porque quando sabem que é uma população que veio da rua, eles também não querem oferecer o trabalho. Existe muita a parte

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

da higienização, eu quero que limpe o Centro, eu quero que limpe a praia e a gente vai colocar essas pessoas aonde? Nós temos três instituições de acolhimento do município, elas acolhem, as instituições de acolhimento do município acolhem, as pessoas conseguem deixar de usar droga, conseguem se inserir, muitas vezes, no mercado informal, mas no mercado formal é mais difícil. Por quê? Porque quando a referência é: traga seu comprovante de residência. ‘Estou numa Casa de Acolhimento’. Ah, não tem perfil para esse trabalho. Eu tenho aqui algumas coordenadoras de Casa de Acolhimento. Estou ali com Elaine, estou ali com Solange, coordenam Casas de Acolhimento. E a gente enfrenta ou não enfrenta esse tipo de problemática? Tivemos um projeto, ano passado, com o TRT. Eles fizeram um curso preparatório durante seis meses e eles mesmos procuraram inserir no mercado de trabalho. Me pergunte se conseguiram? Não conseguiram porque a sociedade que ajuda é a mesma que exclui. É a mesma, não tem diferença. Eles querem ajudar, querem dar aquentinha, mas não querem emancipar, não querem dar o emprego, não querem dar a condição. Então, muitas vezes, o poder público é tão criticado, mas ele também fica só na luta. Ele fica sozinho porque o poder público não tem mercado de trabalho para todos eles. Nós temos como preparar, mas quem vai absorver essa mão de obra não é o poder público. É o poder privado. É a própria sociedade. E aí cabe um debate onde a gente possa estar chamando aqui também essa sociedade que tem a condição de mudar a vida e não de higienizar as ruas. E eu quero só deixar claro que o município tem garantido o acompanhamento dessa população, eles não estão soltos, eles estão mapeados, a gente sabe exatamente quais são os pontos aonde tem mais pessoas em situação de rua, mas a gente teve um agravamento muito grande com a vinda dos venezuelanos. Principalmente quando a gente vai para questão dos indígenas waraos, que têm o hábito de ir para as ruas pedir. Mas eles não estão em situação de rua, eles têm, sim, aonde ficar. O Estado junto ao Servir, e também com a ajuda da Prefeitura, tem feito o monitoramento, os encaminhamentos dessa população, mas é cultural, e aí também é outro debate. Mas estão também nas ruas pedindo, inclusive, ontem, eu participei de uma audiência na promotoria com Dr.^a Ivete e tinha representantes da Polícia Militar e de outros setores, onde a gente tratava dessa problemática. Eu estou também participando do plano de ação, que a gente está elaborando junto ao Ministério Público Federal, para também ver como é que a gente vai atender essa população indígena warao. Então a Prefeitura, principalmente a Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, enquanto eu, diretora, estou na linha de frente de todas as ações para atender essas demandas da população em situação de rua e das questões sociais do município. Então quero me deixar à disposição de vocês para sempre que quiserem debater sobre o tema estou à disposição. Obrigada”. **O Sr. vereador Tarcísio Jardim** disse: “Eu vou aproveitar, depois do que Edilene falou, eu me lembrei de um caso. Eu tinha e repassei para os meus alunos uma academia de Jiu-jitsu onde eu dava aula e eu trabalhava, e a gente sempre recebe do governo dos Emirados Árabes, de três em três meses, quatro em quatro meses, doação de cestas básicas. É um programa que o governo dos Emirados Árabes fornece para as academias e essas academias fazem essa doação. E eu me lembro que uma vez uma pessoa em situação de rua, estava tomando banho na frente da casa da minha mãe, eu até

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

filmei, bati um papo com ele e postei no meu Instagram, está lá essa conversa com ele rapidinha, e aí eu fui fazer uma doação dessa cesta pra ele. Um cara honesto que disse: ‘meu amigo, deixa eu dizer uma coisa pra você, não me entregue não, porque eu posso estar com esse alimento aqui e guardar em algum lugar e outras pessoas roubarem, ou no momento da loucura eu posso trocar por droga. O senhor, tem como entregar numa barraquinha ali perto do galetto, ali em Manaíra. Ali, naquele mercadinho de Manaíra, tem um cara que faz comida num daqueles botequinhos, barzinho. Entrega a fulaninho lá, que ele vai me dizer exatamente quantos dias e quantas alimentações eu tenho aqui. Ele me dá o café, almoço e jantar, mas não deixe comigo, não, que vai se perder. E não faça isso com outra pessoa, não, porque se você entregar uma cesta dessa a um outro morador de rua, ele vai trocar ali na esquina por droga’. Quando ele falou isso pra mim foi uma pancada, o cara está negando comida porque ele vai trocar por droga e não dê a outra pessoa que ele vai com certeza trocar por droga, ‘porque ele não vai ser tão honesto como eu’. Essa mesma pessoa me disse que ali na área da praia, ele contabilizou cerca de 11 a 14 pessoas com mandado de prisão em aberto e que era abordado pela PM, mas dá um nome falso porque não tem documento, porque deixa o documento na boca, porque troca por droga. Deixa a documentação na boca, pega a droga, quando a polícia pergunta o nome ele diz outro não. Aí quando a PM bota lá no sistema não tem, está limpo, mas se botar o nome dele está lá com mandado em aberto. Eles diziam: ‘dessa vez foi quase, o cara me perguntou o nome, eu gaguejei’. Eles ficam falando o nome dos outros que convivem com eles que estão com o nome limpo, apesar de que ele tem um mandado de prisão em aberto convivendo na rua normalmente e servindo de mais um instrumento da hipocrisia. A frase que Edilene falou é pesada, eu até anotei aqui: ‘a sociedade que ajuda é a mesma que exclui’. E, realmente, é desse modelo”. **O Sr. Tiago Farias** disse: “Primeiramente, agradecer o requerimento. Eu só lamento por muitos preconceitos que tem na sua fala, mas eu vejo que seu coração é bom. Então acredito que, com o tempo e conversando, se aprofundando no tema, vai entender. No momento em que discordar de tudo que foi falado por Victor Hugo, de tudo que ele falou, eu acredito que você já estará preparado para abordar profundamente esse tema, porque a situação é exatamente o oposto do que ele falou. Eu vou falar publicamente pela primeira vez, a pedido do colega Raoni, de longas datas, algo que eu só falei para pessoas mais próximas a mim. Eu estive em situação de rua, passei um tempo sofrendo um monte das coisas que foram faladas aqui e nunca, graças a Deus, eu nunca caí nas drogas, nunca precisei ir por esse caminho. Mas, quando eu estava ali, eu passei fome, e fome não é você ter pulado o almoço. Quando você diz assim ‘ah, estou com fome porque eu não almocei’, isso não é fome. Vocês são policiais, talvez entendam o que eu vá dizer: imagine o que seja um tiro de 12, bem no seu estômago. Isso é fome. Você sente como se estivesse sangrando tudo dentro de você. É difícil falar. Você sente como se estivesse sangrando. E eu lembro que foi no Dia das Mães que eu estava numa situação muito sem forças para ficar em pé, e uma pessoa chegou e, sabendo que eu estava ali na situação, foi lá e me ofereceu um prato de comida e perguntou como eu estava, e ali eu fui perceber que eu era gente. Mas, depois de ter comido aquilo, ele me ofereceu um espaço onde eu pudesse comer todos os dias. Sabe quando aquela

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

fome veio passar? Depois de uma semana comendo todos os dias. Então, eu acho lamentável quando a gente fala assim 'ah, estou com fome, eu não almocei, estou com fome'. Você não tem noção do que é fome. A minha situação de rua — e, por favor, não falem 'morador de rua'; quem mora em rua é carro abandonado. Ninguém mora na rua. Por favor, reflitam sobre isso, porque não são só palavras, essas palavras têm significados. A pessoa que está em situação de rua é desabrigada. Aquela pessoa é desabrigada porque ela não tem o quê? Abrigo, seja temporário, seja permanente. Ela está naquela situação porque não tem abrigo, ela é desabrigada. E, se você concorda com a frase 'a pessoa está ali porque quer', lamento, porque você está ali no mesmo campo de Mussolini, de Hitler. A pessoa que pensa que realmente alguém está ali porque quer é um absurdo. Eu ouvia falar de, esqueci o nome dele, dizendo 'ah, mas aí a gente abordava a pessoa, era de outro estado, a gente dava uma passagem para a pessoa voltar'. Cabedelo, né? Muito bem. Intermares tem o IDH mais alto da Paraíba. Lá mora muita gente que se aposentou e veio para cá. Eu quero saber quantas pessoas ele abordou para dizer assim: 'ei, sai do teu apartamento, volta para o teu estado'. Nesse momento em que eu estava nessa situação de rua, eu tentei manter meus estudos — eu estudava e trabalhava. Até hoje eu estudo e trabalho. Estou nisso aí desde 17 anos: é estudar e trabalhar. Desde lá, eu não parei de estudar, não parei de trabalhar. Eu fui prestar um vestibular, naquela época ainda existia, e aí, quando eu fui fazer a inscrição, eu disse: 'olha, eu não tenho endereço', e a resposta: 'então você não pode se inscrever'. Eu lembro que um amigo meu, que eu tive o prazer de revê-lo recentemente, falou uma frase que eu guardei para mim: 'não é você que tem uma casa, é uma casa que tem você'. Se você não tem endereço, você é nada, você é ninguém. Eu fiz a prova porque eu coloquei o endereço de uma outra pessoa. Isso é um ato de corrupção? Sim, eu tive que praticar um ato de corrupção para poder ter o direito de estudar, que está previsto na Constituição Federal e na Constituição Paraibana. E aí, após cometer este delito, fui lá fazer a prova. Eu lembro que, no dia, eu dormi perto da Epitácio Pessoa, e o endereço da amiga que me forneceu o endereço era lá para o lado do Cristo. Eu tive que andar mais de duas horas para fazer essa prova. Fui, fiz, passei em primeiro, segundo, uma coisa assim. Então, o fato de eu estar em condição de rua não me tornava inábil para aquilo, não me fazia ser menor do que qualquer outra pessoa. Eu simplesmente não estava nas melhores condições. E aí, eu ia estudar, na época eu também fazia um estágio. Abandonei o estágio porque o estágio eu só recebo depois de um mês, só que eu teria que comer todos os dias. Então, eu não podia estar no estágio e esperar o outro mês para poder comer. Eu tinha que comer todos os dias. O horário do estágio era o horário em que eu ia dar um jeito de arrumar o que comer, seja fazer um trabalho que me pagasse no dia, seja pedir para alguma pessoa que pudesse me oferecer. Eu estou falando isso, tentando ser o mais didático possível, porque acredito que ninguém aqui — eu espero que não — tenha vivido essa situação, e eu espero que não passem. Se você tiver o seu pior inimigo no mundo, desejar que ele morra é menos danoso do que desejar que ele passe por uma situação dessa, porque uma coisa que eu aprendi quando nós estamos em situação de rua é que nós perdemos a dignidade. E é por isso que quando você conversa com uma pessoa que está em situação de

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

rua, dificilmente ela vai te olhar nos olhos, porque nós achamos que nem somos mais humanos. Então, é por isso que eu ouvi aqui, calado, eu prestei atenção em cada palavra que foi falada, mas muitas das palavras que vocês falaram machucam. E vocês não têm noção de quanto machuca, porque nunca passaram por isso, vocês nunca estiveram nessa situação. Vocês não têm nem ideia do que estão fazendo, com todo respeito. Eu me disponho a gente debater — aqui não é o momento, aqui não é o local, porque eu também tenho um tempo para isso agora. Mas eu me proponho a gente conversar e esmiuçar cada um desses pontos. Foi falado aí da questão de políticas públicas, e aí, infelizmente, eu esqueci teu nome, mas você falou da questão de que está na ponta. Lamento dizer: infelizmente, a segurança pública, muitas vezes, é a única política pública que chega. E eu estou dizendo isso assim, porque você é servidor público e eu também sou. E eu respeito muito o serviço público. Lamentavelmente, algumas falas foram de maneira a deturpar a ideia do serviço público, mas nós somos servidores públicos e eu tenho muito prazer em servir. Eu me sinto muito bem quando consigo oferecer o serviço da melhor qualidade possível, e eu acredito muito que é o seu caso, também. Só que a situação em que te põe é de risco, em algo que não deveria ser de risco, porque a segurança pública é a única política pública que chega, mas muitas outras poderiam ter chegado antes para evitar que a polícia precisasse chegar lá. Uma frase que eu penso, que eu sempre falo, é assim: 'sabe por que o Brasil não ganhou o Nobel ainda? Porque possivelmente a pessoa que ganharia o Nobel foi estuprada, foi abandonada, foi raptada pelas drogas ou morreu em confronto com a polícia'. A gente está jogando fora essas pessoas, os potenciais dessas pessoas. Imagina o quanto — e eu vou me colocar como exemplo, permitam — eu sei o potencial que eu tenho, e eu sei o quanto eu estava sendo desperdiçado ali. E, quando eu estava naquela situação, eu vi quantas pessoas também têm potenciais, e nós estamos desperdiçando isso. É lamentável. Então, vamos de fato amadurecer essa ideia, vamos abrir mão de nossos preconceitos, vamos tentar entender o que, de fato, está acontecendo". **O Sr. vereador Tarcísio Jardim** disse: "Obrigado, Tiago, pelo seu discurso. Só fazer um adendo. Por que a polícia é a única política pública que chega? Porque a polícia é o para-choque da sociedade. Tem o para-choque do carro que leva pancada, que pega vento, que pega chuva, pega lama, pega os besouros, é a polícia. Por isso que é sempre a polícia que chega, porque quando a polícia chegou, todas as outras políticas públicas falharam. E não era para ser. Aí só sobra nas costas da *policinha* de Jesus, como a gente fala sempre. Assim, tem muito sentimento nas suas palavras, eu entendo, mas muitas das pessoas que estão ali, se tivesse uma oportunidade saía. E em momento algum, eu não me lembro de alguém ter dito que está na rua porque quer. Na verdade, eu falei ao contrário, que muitas estão na rua porque não têm oportunidade de sair. E quando eu falei que a gente antes de tentar internar compulsoriamente, a gente tem que dar oportunidade para os voluntários. É porque as políticas públicas não estão sendo eficientes para tratar dos voluntários. Mas tem gente que não quer sair mesmo não. Por conta do vício ou porque está numa situação que não pode responder pelas suas faculdades mentais. Aí eu fui estudar e vi um especialista falando, inclusive postei esse vídeo no meu *Instagram*, um especialista falando que as pessoas que

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

estão imergidas no vício, elas não têm autonomia para decidir sobre as suas condutas. Ela não pode decidir que não quer se internar ou eu quero me internar. Ela não pode. Ela não consegue. Ela está sobre efeito de droga, está em surto pelo vício, às vezes surto psicótico. E não estou falando que é o caso, como eu também falei no meu discurso que nem todos são dependentes químicos. Eu conheci vários que não eram dependentes químicos, nem bebia nada, mas perdeu tudo e não tinha mais para onde ir e o único lugar que eles tinham foi a rua e são invisíveis até que cause problemas, entendeu? Então assim, você é um caso em 1 milhão, mas quantos Tiagos estão na rua, que se tivesse tido uma oportunidade não estaria mais? Esse é o debate que a gente está trazendo aqui, e esse é o acordo que eu fechei com Raoni, para dar oportunidade aos voluntários, a aqueles que querem sair, e a gente vai tentar ajudar, vamos fazer uma força tarefa com as entidades que acolhem, com as secretarias públicas e os que não querem sair serão os secundários. A gente vai dar oportunidade aqueles que realmente não sabem e não se sentem bem naquele lugar, mas tem uns que o vício já tomou tanto conta, que aí é um problema tão mais profundo, que às vezes nem a polícia e nem o poder público pode cuidar. Eu já me deparei com isso na rua. Com certeza, o Coronel já se deparou com isso na rua. Seres humanos, às vezes dependentes químicos e não dependentes químicos, marginal profissional, que ele nunca vai sair do mundo do crime. Estou mentindo? Pode prender ele 1000 anos, deixar ele 1000 anos trancado, e quando ele sair 1000 anos depois, ele vai cometer o mesmo crime de novo, e vai cometer até mais. Então, tem seres humanos que realmente não têm salvação, porque eles já estão tão imergidos naquele mal que pode ter prisão, pode ter o que for, qualquer punição que for, ele não vai conseguir mais. Ele não convive mais em sociedade. Ele não é mais um ser humano, porque um ser humano é um ser detentor de humanidade. O cara que não tem humanidade, ele é só um ser. O cara que mata um filho, que mata a mãe, que estupra uma criança, ele não é um ser humano. Ele não pode ser considerado um ser humano. E os que fazem isso reiteradas vezes não têm condições mais de conviver em sociedade. Então tem que ficar trancado a vida inteira, porque se colocar ele em sociedade de novo, ele vai cometer o mesmo crime de novo. A gente vê isso todo dia. O comandante hoje vê todo dia na rua e eu via isso todo dia na rua”. **O Sr. Roberto Cavalcante** disse: “Primeiramente, quero parabenizar o vereador Tarcísio e todos que compõem a mesa por essa iniciativa. Como todas as falas aqui, bastante coerentes, nos apontam que é necessário fazermos essas intervenções. Comentava antes aqui que a população de rua nos dá duas sinalizações: a primeira é que são almas, são vidas que precisam ser cuidadas, são pessoas que precisam ser cuidadas, não são objetos, nem sequer fontes de likes, são pessoas que precisam ser cuidadas. O segundo aspecto que a população de rua sinaliza é que algo não está sendo feito e precisa ser feito. Como se falou, por exemplo, da questão da caridade, é algo quase intrínseco, aliás, é intrínseco do cristianismo acolher, cuidar e amparar o pobre. Até mesmo na passagem bíblica que foi lida, que foi solicitada para que fosse lida, fiz, porque essa passagem também norteia muitas das nossas ações caritativas. A Fundação São Padre Pio não tem apenas a Casa Mãe da Ternura, que acolhe a população de rua, mas também tem casas para crianças e adolescentes, casas para idosos, centros de

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

tratamento para crianças com problemas neurológicos, enfim, a Fundação São Padre Pio tem esse braço estendido para todos que sofrem. É algo intrínseco nosso estender a mão para o pobre. Não tem como ver alguém passando fome na rua e não se sensibilizar, não há como ver alguém ferido, machucado e não se sensibilizar. Então, nós estamos aqui e até vou citar Santa Teresa de Calcutá, que dizia o seguinte: às vezes o que a gente faz é apenas uma única gota, mas sem essa gota o oceano seria menor. Então, as iniciativas que temos para com a população de rua podem parecer muito pequenas. A própria Casa Mãe da Ternura só comporta 30 (trinta) pessoas no máximo. Quero até agradecer ao secretário Tavares, que está nos ajudando, e vamos conseguir ampliar, talvez até duplicar a capacidade da Mãe da Ternura, graças a Deus está chegando junto com a gente e poderemos atender mais pessoas. A Mãe da Ternura realiza o que eu chamo de acolhimento de segunda instância, porque, a partir do momento em que a população de rua é abordada pelos veículos de captação, são encaminhados para a Mãe da Ternura, e lá fazemos toda essa parte documental, que, diga-se de passagem, é interessante fazer antes, além do encaminhamento para tratamento no CAPS e nas questões de saúde, temos pessoas soropositivas que precisam receber tratamento também no Clementino. Enfim, damos essa assistência e esse apoio, porque, se a pessoa está em situação de rua, tentando falar um pouco e compreendendo o que Tiago falou, essas pessoas precisam de alguém para dar apoio, porque não têm mais família, não têm mais ninguém que acredite nelas, e muitos não querem mais voltar para suas famílias porque não têm mais ninguém por eles. E aí fica aquela pergunta que tanto os poderes públicos quanto a Igreja têm que se fazer: se ninguém os quer, então eles são nossos. Se ninguém os quer, então eles são nossos. Não podemos deixar essas pessoas nas ruas. Também precisamos, de fato, unir forças, fazer um trabalho integrado, porque essa sensação que o comandante falou de “enxugar gelo” é muito grande. Muitas vezes tentamos sanar aqui e acolá uma lacuna que existe, porque vemos que, quando entra na casa, o acolhido às vezes espera o ciclo de um mês para poder se alimentar e ter um lugar digno para dormir. E eu digo isso também: a gente preza pela dignidade e pela recuperação da esperança. Todas as vezes que chega alguém para o acolhimento, a primeira coisa que eu pergunto é: qual é o seu nome? Não gosto de apelidos, quero o seu nome, recuperar a identidade da pessoa. O que é que você gosta de fazer? “Ah, seu Roberto, eu faço qualquer coisa. Não, fazer qualquer coisa não é resposta. O que é que você gosta de fazer? Ah, eu gosto de trabalhar com construção civil. “Ah, eu gosto de trabalhar com cozinha”. Nós fazemos esse trabalho personalizado, ajudando a pessoa a realizar seus sonhos, porque um ser humano sem sonhos é uma vela apagada. Muitas pessoas que estão nas ruas estão com seus sonhos apagados, sua esperança diluída, e nós precisamos estender as mãos para que possam se levantar, entrar no sistema e sair dele com sua dignidade, com sua esperança e com sua fé restauradas. Quem critica muito a população de rua precisa gastar tempo nessas casas de acolhimento, olhando nos olhos, ouvindo as histórias. Sabemos que muitas vezes há versões que não são a verdade, mas mesmo essas versões precisam ser escutadas, porque o termo “os invisíveis” é muito presente nessa situação. São pessoas que ninguém sabe quem são, qual é o nome, as pessoas passam por elas

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

e não dão bom dia, boa tarde ou boa noite. Não sabemos nada da vida dessas pessoas, mas, ao entrarmos na vida delas, gastando um tempinho, elas percebem: “Caramba, eu posso ir além, eu posso fazer mais”. Convido a todos a conhecer a Casa Mãe da Ternura. Nós queremos nos colocar no lugar do outro, ter essa compaixão, sofrer com aqueles que sofrem. Misericórdia, o último versículo, versículo 11 (onze), diz isso: o Pai de misericórdia. Então, a misericórdia é dar o coração aos que sofrem. Quero parabenizar as demais instâncias que estão aqui, o Centro Pop, que trabalha com a gente em parceria, o Consultório de Rua, que está presente nas ruas, olhando as necessidades, fazendo os encaminhamentos e também nos ajudando com algumas demandas. E quero apontar também o que foi falado sobre o gargalo do mercado de trabalho. Sempre fazemos esses encaminhamentos e cedemos nosso endereço para não ter que responder essa questão de ser de uma casa de acolhimento. Hoje, temos vários exemplos de pessoas que, graças a Deus, conseguiram restituir sua dignidade, voltar ao mercado de trabalho, porque o trabalho dignifica o homem. Outra demanda, que não foi falada, é a alfabetização, porque, até mesmo para facilitar o acesso ao mercado de trabalho, vemos que muitos têm apenas o ensino fundamental incompleto. Estamos tentando fazer um trabalho pedagógico na Casa Mãe da Ternura para facilitar isso e encaminhar para conclusão dos estudos, seja pelo EJA, seja pelo supletivo. Por fim, precisamos nos dar as mãos, porque, como foi falado, eles são de quem? São nossos. São uma demanda, são da sociedade e, particularmente falando, são da Igreja. Por isso, a Igreja faz questão de encabeçar programas caritativos, porque, se eu restituir a dignidade de uma pessoa, mas não levar a ela a esperança que só temos por meio de Jesus Cristo, a chama vai faltar mais vigor. Obrigado”. **O Sr. vereador Raoni Mendes** disse: “Eu quero começar, Tarcísio, na mesma fala de quando você iniciou o trabalho visitando as pessoas em situação de rua, na Lagoa, no Centro, na praia, e conversamos isso aqui, de que há uma demanda crescente. Até porque nós vamos ter em menos de 10 anos, a previsibilidade é de chegarmos a 1,5 milhão de habitantes pelo desenvolvimento que vem acontecendo no nosso turismo. Serão 14.000 novos leitos e os problemas vão aumentar. A Fundação São Padre Pio cuida dos transpassados, a Casa Monsenhor Catão cuida da assistência, a Em Adoração, da qual eu sou servo permanente, toda segunda-feira está também na atividade caritativa ou assistencial, como queira chamar. E eu vi problema educacional, vi problema de saúde, vi problema da Secretaria de Trabalho, vi problema da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e vi problema na SEDUC, problema para as soluções que nós estamos propondo. Mas sempre sobra na Secretaria de Direitos Humanos e as outras vão contribuindo de forma a demanda posteriores. Qual é a sensação, Tarcísio? Ou tomamos à frente, de fato, e avançamos, porque as casas de acolhida precisam de nossa ajuda, ela precisa ter a capacidade que a Mãe de Ternura tem, e infelizmente, as meninas sozinhas, na direção, elas têm necessidade de funcionários, elas têm necessidade de reformas, elas têm necessidade de ampliação e elas têm limitações, porque não conseguem determinadas coisas se não tiver a política de defesa, porque sempre será postergada mediante as necessidades prementes que aparecem na sociedade, principalmente no poder público. E aí vai diversas situações, vão priorizando. Mas eu garanto que se eu, você, Nivaldo, que estamos aqui hoje, e

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

Edilene, fizemos um trabalho conjunto, se você me permitir, foi assim que eu me direcionei. Eu já tentei fazer algumas parcerias de ações com alguns vereadores atrás, mas tive dificuldade, e terminei ficando sozinho nas ações. E eu vou explicar qual é a minha participação nesse caso. Em 2010, eu me encontrava na comunidade Maná, hoje comunidade Nossa Senhora do Carmo, fazendo uma pregação para os jovens, entrou ali uma dependente química do crack, pedindo socorro, e me abraçou como se me conhecesse há anos, no meio da pregação, e as pessoas querendo tirar ela. E ali meu coração começou a participar da realidade das pessoas dependentes químicas e fiz um propósito: enquanto tivesse mandato, eu cuidaria de um dependente químico a cada ano até ele poder se libertar daquela realidade. E ela morava em Bayeux, tinha dois filhos, e a família a abandonou, pesava 34 kg. E foi um ano difícil, porque ela tentou sair da Fazenda da Esperança, onde a gente conseguiu a vaga e ficamos dando a assistência, porque tem um valor a ser percebido do trabalho dela, ela nos vendia os produtos para se manter naquela casa: a fazenda feminina. E ela se recuperou, foi cuidar de outra fazenda feminina, foi coordenadora de outra casa, em outro local, voltou para João Pessoa, está trabalhando, voltou para casa, um dos filhos foi assassinado por entrar nas drogas, mas eu a encontro e ela sempre diz que o trabalho, a convivência e a espiritualidade salvaram a vida dela. E eu acredito que nós podemos, mesmo as políticas públicas, abraçar a realidade da Mãe da Ternura, da Cidade Viva, da Farol, da Casa Monsenhor Catão, da Em Adoração, juntar tudo isso, e fica aí a diretora de assistência social, juntarmos tudo isso e encontrarmos uma solução, porque do jeito que está não pode ficar. O lugar das pessoas não é na rua. Elas precisam ter uma dignidade. E eu proponho que a gente faça isso. Se nos unirmos, eu não tenho a menor dúvida, que além dessas realidades de drogadição, as realidades das pessoas de rua, elas serão modificadas. União, unidade, trabalho, convivência e oração. Eu acho que essa ferramenta do tripé salvará muitas vidas e se um for salvo, já valeu a pena o nosso trabalho. Então, parabéns, Tarcísio, pela causa. É uma causa, que para muitos, não traria frutos algum, mas saiba que você está deixando um legado na história da sua vida por abraçar os invisíveis. E conte comigo como seu auxiliar nesse processo”. Ao final desta sessão, **o Sr. vereador Tarcísio Jardim** disse: “Então, pessoal, a gente vai unir forças, eu e Raoni, a gente vai montar uma força tarefa. Eu disse a ele que eu não tenho problema em dividir os louros. Isso é uma coisa que eu não sou dentro da política é individualista. Toda a pauta que eu levanto aqui, na verdade, eu quero que os outros vereadores abracem, porque eu não quero ser o pai solteiro da criança. Se um vereador consegue fazer as coisas andar, dois vereadores fazem, três vereadores fazem, quatro, cinco, a eficiência vai ser 100%. Então, eu acredito muito nisso, mas infelizmente, Raoni é testemunha, a gente sabe que na política não é assim. Se você não colhe o louro político daquela pauta sozinho, para você não existe interesse. Isso aqui para mim não é louro político, até porque para o meu viés político ideológico, isso aqui praticamente não gera voto. Então isso aqui não estou fazendo por voto, se fosse por voto eu estava fazendo personagem de circo, dando grito e querendo brigar com todo mundo, que é o que normalmente fazem. Mas só briga no Instagram. Então, quando me disponibilizei a entrar para a política, foi para a gente trazer temas pertinentes, que realmente

Estado da Paraíba
Câmara Municipal de João Pessoa
Casa Napoleão Laureano
NÚCLEO DE REDAÇÃO DE ATAS

mudem a realidade da sociedade. Para estar protocolando projeto, papel, papel, papel, a gente já está em quase 18.000 leis em João Pessoa. A gente não precisa de mais leis, a gente precisa que as que existem sejam efetivadas, sejam executadas. Então, é um dos papéis que eu busco na política, é fazer com que as pautas que eu abordo sejam pautas que ainda sejam lacunas, ou que já foram abordadas e não trouxeram resultado, mas que traga algum benefício para a sociedade. É o que a gente espera de representante público para estar só mais um parasita do estado ocupando o lugar e sugando o dinheiro público, a gente já tem bastante, não precisa de mais. Então, me coloco à disposição de cada um que quiser contribuir nessa pauta. E, infelizmente, a gente volta para o que o comandante falou, a hipocrisia, falta de humanidade, quer ajudar, mas não quer solucionar o problema. Então, a ajuda ela é benéfica. Mas desde que ela seja um paliativo para salvação concreta, se a gente viver só de ajuda não transforma as vidas das pessoas, como fazem lá na Padre Pio, como fazem na Casa da Misericórdia, como fazem na outra que você citou aqui, cada uma dessa faz o ciclo completo, que é o que eu sempre prego, o ciclo completo não é dar uma alimentação, é dar alimentação e fazer com que essa pessoa seja reinserida na sociedade, como aconteceu com a jovem que abraçou Raoni, para mim é o caso perfeito. E como na polícia, a gente fala, se todo o trabalho salvar uma vida, valeu a pena. Se nos meus 10 anos de polícia eu salvei uma vida, já valeu a pena. Imagina os filhos receberem essa mãe que era dependente química, o outro, infelizmente, foi assassinado, mas o filho que recebeu ela de volta, limpa, voltou a ter uma mãe. Então, a gente vai fazer o máximo que tiver, a gente não consegue substituir esse trabalho multifuncional, mas tem pessoas aqui, como Roberto, como Edilene, como Dr. Nivaldo, como o pessoal da Secretaria de Desenvolvimento Social. A gente tem pessoas aqui que querem ajudar e a gente vai fazer essa junção de forças e o que puder fazer a gente vai fazer. Não, não somos Deus, mas somos ferramentas dele aqui na terra. E quem não serve para servir, não serve para viver”. Nada mais havendo a tratar, às 16h15, agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a presente sessão.

Esta ata foi elaborada pelo Núcleo de Redação de Atas da Casa com base nos registros dos discursos proferidos, em arquivos de áudio e vídeo, em documentos e em reprografias remetidos ao Núcleo.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de João Pessoa, aos 08 dias do mês de outubro de 2025.

Vereador Paulo Tarcísio Pessoa Jardim (PP)
PRESIDENTE

C Ó P I A